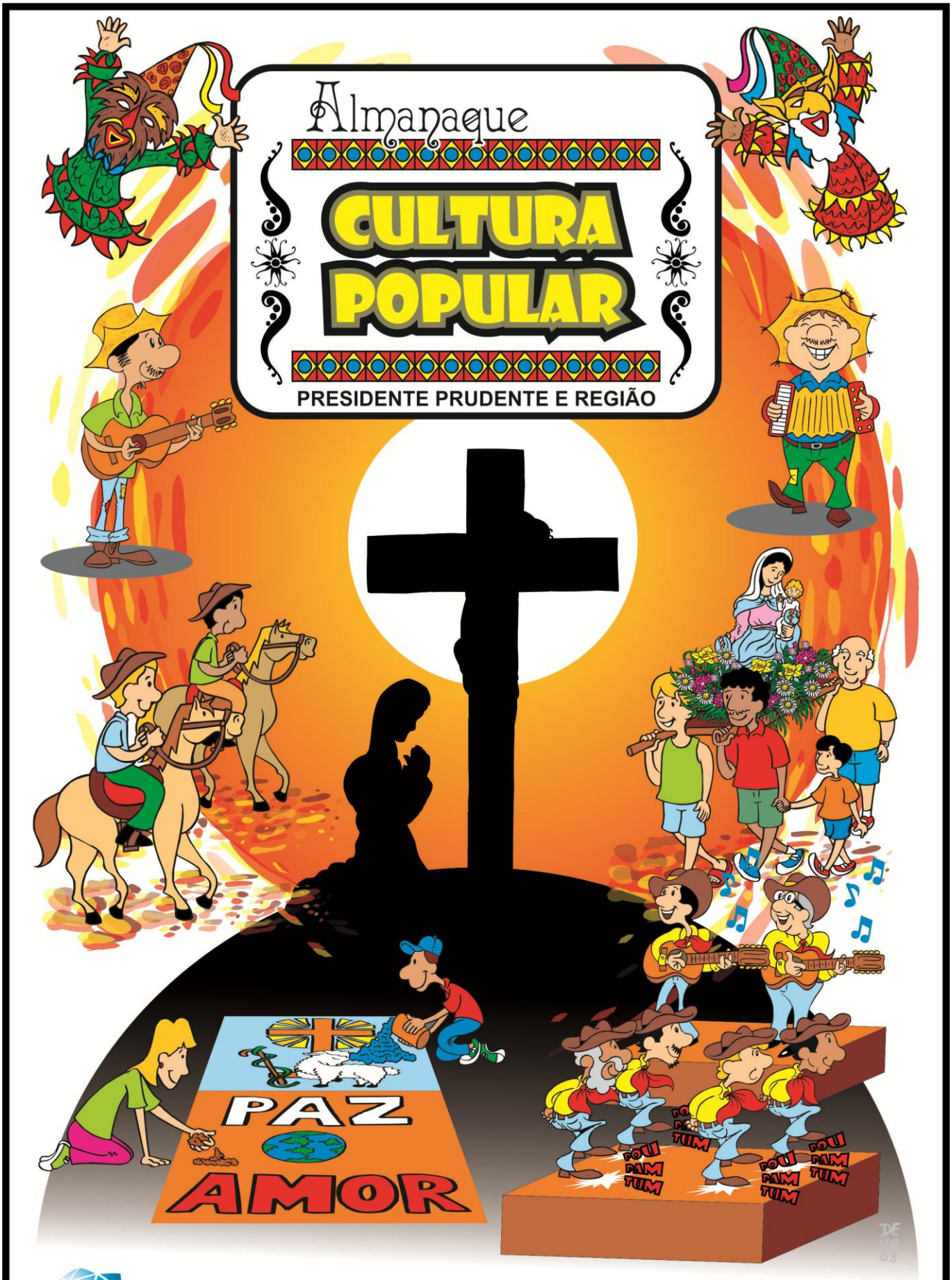


UNESP

PROEX
Pró-reitoria de Extensão Universitária

CULTURA ACADÊMICA Editora

PROJETO REDESCOBRINDO A CULTURA PUPULAR

Marília Coelho
Dário das Dores Agostinho

Extensão Universitária

Almanaque da Cultura Popular

Volume 1

São Paulo

2012

PROEX
Pró-reitoria de Extensão Universitária

CULTURA ACADÊMICA
Editora

Vice-Reitor no exercício da Reitoria
Júlio Cezar Durigan

Pró-reitor de Extensão Universitária
Maria Amélia Máximo de Araújo

Pró-reitor de Pesquisa
Maria José Soares Mendes Giannini

Pró-reitor de Graduação
Sheila Zambello de Pinho

Pró-reitor de Pós-graduação
Marilza Vieira Cunha Rudge

Pró-reitor de Administração
Ricardo Samih Georges Abi Rached

Secretário-geral
Maria Dalva Silva Pagotto

Chefe de Gabinete
Carlos Antonio Gamero

Realização
Pró-Reitoria de Extensão Universitária – PROEX
Rua Quirino de Andrade, 215 – 10 º andar
CEP : 01.049-010 – São Paulo/SP
Tel.: (11) 5627-0264 /Fax: (11) 5627-0122/5627-0123
E-mail: proex@reitoria.unesp.br

Coelho, Marília.

C618a v.1 Almanaque da Cultura Popular de Presidente Prudente e Região / Marília Coelho; Dário das Dores Agostinho (pesq. ilust. e adapt. de textos.), Presidente Prudente: [s.n.], 2012

v. 1

Projeto de Extensão Universitária: Redescobrindo a cultura Popular

ISBN: 978-85-7983-277-2

1. Cultura popular. 2. Práticas de cultura popular – Presidente Prudente (SP). 3. Memória. 4. Preservação. 5. Educação. I. Agostinho, Dário das Dores. II. Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho. Faculdade de Ciências e Tecnologia. III. Título.

CDD 301.2

Ficha catalográfica elaborada pelo Serviço Técnico de Biblioteca e Documentação - UNESP,
Câmpus de Presidente Prudente.

EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA:
SÃO PAULO – 2012

Realização

Pró-Reitoria de Extensão Universitária – PROEX
Rua Quirino de Andrade, 215 – 10º Andar
São Paulo, CEP 01049-010 – SP
Tel (11) 5627-0264 Fax (11) 5627-0122/5627-0123

Comissão de Elaboração
Pesquisa e Coordenação do Projeto
Marília Coelho

Projeto Gráfico, Pesquisa,
Adaptação de Textos e Diagramação
Dário das Dores Agostinho

Dados do Projeto:
Redescobrindo a Cultura Popular:
Almanaque - Cultura Popular – Presidente Prudente e Região.

Coordenadora do Projeto:
Profa. Dra. Marília Coelho

Aluno integrante do Projeto:
Pesquisa, elaboração, texto e ilustrações:
Dário das Dores Agostinho
graduando em Pedagogia pela Unesp FCT – Presidente Prudente.

Presidente Prudente
2012

Sumário

- Apresentação 5
- Prefácio 6
- Folia de Reis 9
- Sexta-Feira da Paixão 16
- Corpus Christi 18
- Festas Junina 24
- Nossa Senhora dos Navegantes 33
- Cavalgada 37
- Catira 40

- Bibliografia 44

Aos professores, educadores e formadores de opinião

O Almanaque da Cultura Popular é fruto de uma pesquisa desenvolvida dentro do projeto de extensão universitária "Redescobrindo a Cultura Popular", iniciado em Abril de 2002.

Com uma proposta piloto, para ser desdobrado para outros municípios do estado de São Paulo, o projeto visa o resgate, difusão e manutenção das práticas populares de Presidente Prudente e região.

Sabe-se que a cultura popular é o celeiro da autêntica criatividade da cultura de um povo. É também sua expressão mais forte de autonomia e domínio.

Assim, o Almanaque da Cultura Popular de Presidente Prudente e região é o produto mais expressivo desta pesquisa.

Sua função socioeducativa extrapola a mera informação sobre as práticas populares tradicionais da nossa região.

Ao utilizar uma linguagem característica de um Almanaque, proporciona um conhecimento e aproximação do público infantil com a cultura popular, estimulando a percepção de sua simbologia e importância.

Dessa forma, sua ação socioeducativa, compreendendo múltiplas funções, além de transmitir, para as gerações futuras, as práticas, técnicas, representações que os grupos e indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural, atua como um importante instrumento de reflexão.

Resguardando uma memória e identidade cultural, possibilita a visibilidade dos processos de atualização, próprios de uma cultura viva.

Por fim, além de externar aqui minha profunda emoção ao ver este trabalho concluído, homenageio seu criador, ex-aluno, orientando, pedagogo e cartunista Deva Bhakta, sem o qual este almanaque, com certeza, não seria o mesmo.

Marília Coelho

A cultura do povo posta em dois almanaques

Sobre poucos assuntos eu falaria ou escreveria com tanta saudade e tanto carinho quanto sobre... almanaques. Lamento que as pessoas das gerações do escritos e das imagens postos em telas, não vivam hoje como viveram as crianças, os jovens, os adultos e os velhos de minha geração, a alegria de ter entre as mãos e sob os olhos um almanaque. Um almanaque "de verdade", de papel e, se possível, a várias cores.

Deixando de lado as "coisas ruins" a que os jornais locais se dedicavam, os "almanaques de cidades" foram por longos anos a pequena enciclopédia do lugar que os editava. Noticiários importantes, algo repetido sempre, entre a história local e a sua geografia. Os progressos (não raro exagerados) do campo e da cidade. Os artigos de poetas do lugar, de professores, de juízes também escritores, de jornalistas. Quase sempre apenas em preto e branco nas suas fotos, cidades vizinhas competiam entre elas e outras através de seus almanaques anuais.

Diferentes espécies de almanaques foram durante séculos, décadas, a pequena grande enciclopédia em que aos saberes tradicionais de suas culturas, gerações de lavradores, de camponeses, de homens e mulheres do mundo rural, enfim, conheciam algo de novo sobre temas que de novo iam de puericultura e astronomia à técnicas de plantio e de criatório de animais. Talvez neles, mais do que nos das cidades, algo do que chamamos hoje de "culturas populares" tenha aparecido por escrito pela primeira vez.

As grandes festas civis e religiosas eram em geral noticiadas como "efemérides" e - espírito da época - a face propriamente popular das pessoas, de suas culturas, de sua arte, ficavam de fora, ou ocupavam páginas secundárias, não raro como algo situado entre o exótico e o pitoresco de "nossa gente".

Somente em anos bem mais recentes outros padrões de almanaques surgiram entre nós. Eles guardam o mesmo nome "almanaque" e quase sempre um quase igual perfil, uma semelhante seqüência gráfica e temática, e até mesmo uma mesma vocação.

Ora, este ***Almanaque de Cultura Popular*** em seus dois volumes talvez seja um ótimo exemplo de alguma coisa que escrevi linhas acima, pois, com muito mais cores e dirigido à pessoas que vão de crianças a velhos (cheios de saudades, imagino) ele lembra os antigos "almanaques de cidades", ou mesmo como o inesquecível *Almanaque do Eu-Sei-Tudo".* Só que ao contrário. Digo isto por que já em seu primeiro volume aquilo que em outros almanaques aparece apenas de passagem e como algo fragmentado e apenas pitoresco, é festivamente ilustrado e criativamente descrito no ***Almanaque de Cultura***

Popular como algo que talvez pela primeira vez apareça de forma tão completa e compreensiva em um almanaque.

Não se trata agora de uma publicação de vocação erudita, onde as tradições e criações populares são esquecidas ou deixadas para os recantos menos lidos do almanaque. Ao contrário, tradições de nossas culturas populares, e de maneira especial de Presidente Prudente, sua região cultural e o seu entorno rural, são tratados como o assunto central de todo o almanaque.

Folias de Santos Reis, catiras, festas tradicionais do catolicismo, em suas versões mais populares são ilustradas e descritas na sua inteireza. Assim, estamos diante de um almanaque em que pessoas, tradições culturais e comunidades sociais populares constituem tanto os sujeitos e assunto de cada página, mas são também os destinatários com prioridade. E não poderia ser de outra maneira, pois os dois almanaques de cultura popular são parte do resultado de uma pesquisa originada da Pro-Reitoria de Extensão Universitária da Faculdade de Ciência e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, e coordenada pela professora Marília Coelho com este nome: R*edescobrindo a Cultura Popular.*

O segundo volume de nosso ***Almanaque de Cultura Popular*** segue entre as imagens e os escritos a mesma vocação do primeiro volume. Com uma diferença: ao invés de tratar mais de festas, rituais e tradições de origem mais rural ou de pequenas comunidades tradicionais, ele começa com uma longa e fecunda descrição do Carnaval, desde suas remotas origens até a Presidente Prudente.

Logo a seguir ele trás a Bahia e a África para o interior de São Paulo, com a Capoeira. E, saltando de jovens e adultos para um mundo mais próximo de nossas crianças, ele completa a sua viagem por nossas tradições e culturas populares com "brinquedos e brincadeiras" e com "cantigas de roda".

Eis boa parte do que são nossas tradições, costumes, festas, e também jogos e brincadeiras, trazidos de uma pesquisa não para um livro ou tese restrita ao "mundo acadêmico". Em seus dois volumes o ***Almanaque de Cultura Popular*** realiza a viagem que deveria ser bastante mais freqüente no mundo da universidade: ir ao povo para conhecê-lo por inteiro. E depois retornar a ele, devolvendo aos nossos criadores de culturas populares um pouco do que gerações de artistas do povo vivem, criam e colocam em nossas estradas, ranchos de palha, casas de sítios e de cidades, ruas e praças, todos os anos... há tantos e tanto anos.

Primavera de 2012
Carlos Rodrigues Brandão

Nós gostamos de contar histórias.
As histórias desse almanaque falam das festas e celebrações da nossa cultura.
As folias e celebrações são importantes para a preservação da cultura e memória do nosso país.

FOLIA DE REIS

Na Bíblia, está registrada a história de três reis que saíram do Oriente e seguindo a estrela guia, chegaram ao local do nascimento de Jesus em Belém. O menino estava numa manjedoura, cercado pelos pais José e Maria, por animais, e por pastores. Baltazar, Melchior e Gaspar, os três reis magos, como são conhecidos, presentearam o menino Jesus com mirra, incenso e ouro, rezaram para ele e foram embora dizendo que ali estava o novo rei.

O Papa Júlio I no ano 376 determinou que no dia 25 de dezembro se comemorasse o nascimento de Jesus. Assim começou o Natal que conhecemos hoje em dia.

Em algumas regiões no Brasil, existe a antiga tradição trazida pelos portugueses e mantida pelos catequizadores católicos, de lembrar com músicas, danças, brincadeiras e fantasias a viagem dos três reis magos.

Essa festa é conhecida como Folia de Reis.

A Folia de Reis começa na noite de 24 de dezembro, esta festa sagrada começa com um grupo de pessoas formado por músicos e palhaços, todos com trajes coloridos.

Os músicos tocam violas, cavaquinhos, rabeca, sanfona, caixa e triângulo. Chegam nas casas que estão com as luzes apagadas e os moradores dormindo e cantam.

"ó tu que dorme dorme..."

Se ninguém acordar, eles vão embora em silêncio, e procuram outra casa.

As pessoas podem acompanhar a Folia em silêncio e com respeito.

Eles não entram em casa que não tem presépio, pois eles querem dar a benção para aqueles que homenageiam o nascimento do menino Jesus, “o Salvador”.

Os palhaços são pessoas fantasiadas com máscaras que escondem suas identidades;, eles representam os soldados de Herodes que perseguiam as crianças na época em que Jesus nasceu, ou representam o mal, o Diabo. Eles assustam as crianças e utilizam golpes de capoeira e entram nas casas que não tem cruzes, santos ou presépios. São conhecidos como guardas da companhia, mocorongo, morongo, marongo.

A casa que acende as luzes quando os foliões chegam, é abençoada com a alegre visita dos representantes dos reis santos que cantam:

“ acordai quem está dormindo...”

O chefe da família abre a porta e recebe todos com o maior respeito.

Todos ficam felizes e acendem incensos, os foliões tiram o chapéu em frente ao presépio para a sagrada família representada ali.

Quando acabam de cantar, tomam café e conversam um pouco.

Os foliões agradecem a recepção e recebe uma doação em dinheiro que ajudará no custo da festa sagrada. Todos se despedem convidam a família para a missa, cantam o “Hino de Reis”, “Agradecimento” e a “Adoração do presépio”.

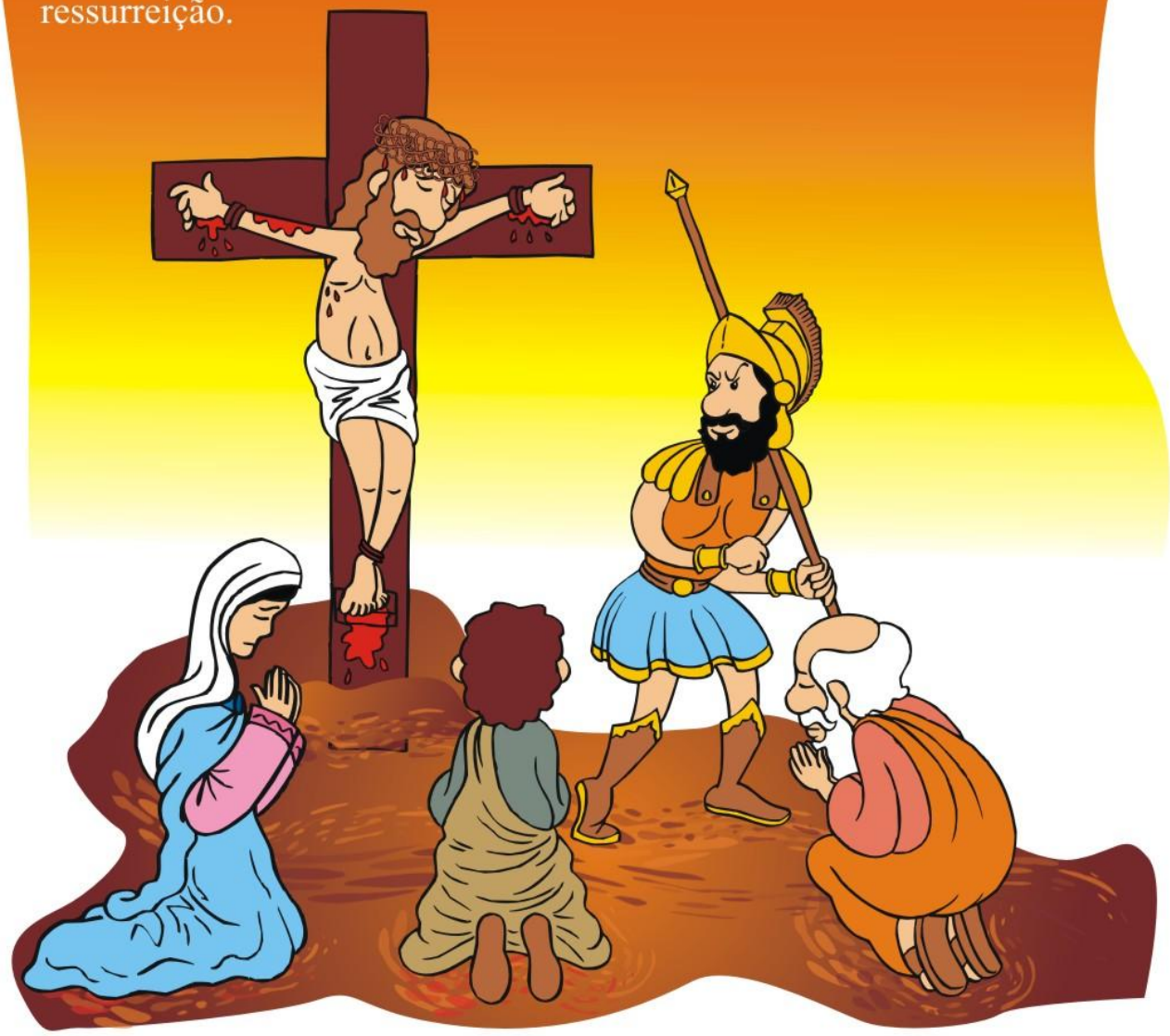
No dia 6 de janeiro tem uma festa chamada de Epifânia, que significa amanhecer da luz do dia, comemora vários fatos da vida de Jesus, substituindo as festas romanas antigas que homenageavam as vitórias do imperador Augusto César.

Para finalizar a festa, é celebrada uma missa de manhã, e a noite tem uma grande festa com jogos, danças e muita comida para os foliões.

SEXTA-FEIRA DA PAIXÃO

Nos dias que antecedem à Páscoa, conhecida como a Semana Santa, que lembra os últimos dias de Jesus Cristo na Terra, os católicos procuram reviver tudo o que aconteceu com Jesus desde o Domingo de Ramos até o Domingo de Páscoa.

A Semana Santa é marcada pelo luto da morte de Jesus na cruz, lembrada na sexta feira, conhecida como Sexta-Feira da Paixão de Cristo. Na Sexta-Feira Santa os católicos não celebram nenhuma missa. Mas para relembrar o luto e a dor de Cristo, em vários lugares pelo Brasil, são realizadas procissões e encenações dramáticas nas ruas e praças públicas, como forma de representação de tudo o que Jesus sofreu até o momento de sua ressurreição.



A representação da Sexta-Feira da Paixão está nas igrejas, nos quadros e nos livros em formas de painéis e ilustrações, conhecidas como Via-Sacra ou Via-Crúcis, são catorze cenas mostrando as etapas do percurso realizado por Jesus carregando a cruz, a partir do julgamento de Pôncio Pilatos até subir a colina do calvário, que significa "o lugar da caveira", onde Jesus Cristo foi pregado na cruz, agonizou e morreu.

Na Idade Média, essas encenações teatrais da Paixão de Cristo, eram realizadas nos mosteiros e ao ar livre para representar a história de Cristo e ensinar aqueles que não sabiam ler.

Hoje, no Brasil, a representação mais famosa da Paixão de Cristo, acontece em Nova Jerusalém em Pernambuco, atraindo milhares de pessoas de todo o país.

CORPUS CHRISTI

Para aqueles que acham que a Páscoa é só para comer chocolate e brincar com os coelhinhos, devem saber que é uma data muito especial para os católicos, pois marca a ressurreição de Cristo.

Quando todo mundo achava que Jesus estava morto depois da crucificação, ele ressuscita e aparece para seus discípulos em diferentes situações, depois eleva-se aos céus.

Para não desamparar seus seguidores, Jesus promete a eles, antes de partir, que lhes enviará o Espírito Santo.

Depois de cinqüenta dias da ressurreição, os discípulos e Maria, mãe de Jesus, estavam reunidos numa sala em Jerusalém para comemorar a festa judaica conhecida como Shavout (Pentecostes em grego). Os judeus comemoravam nessa festa a passagem em que Deus deu a Moisés as tábuas onde estavam os Dez Mandamentos, que por coincidência ou não, aconteceu 50 dias depois que os judeus saíram do Egito, por isso o nome Pentecostes.

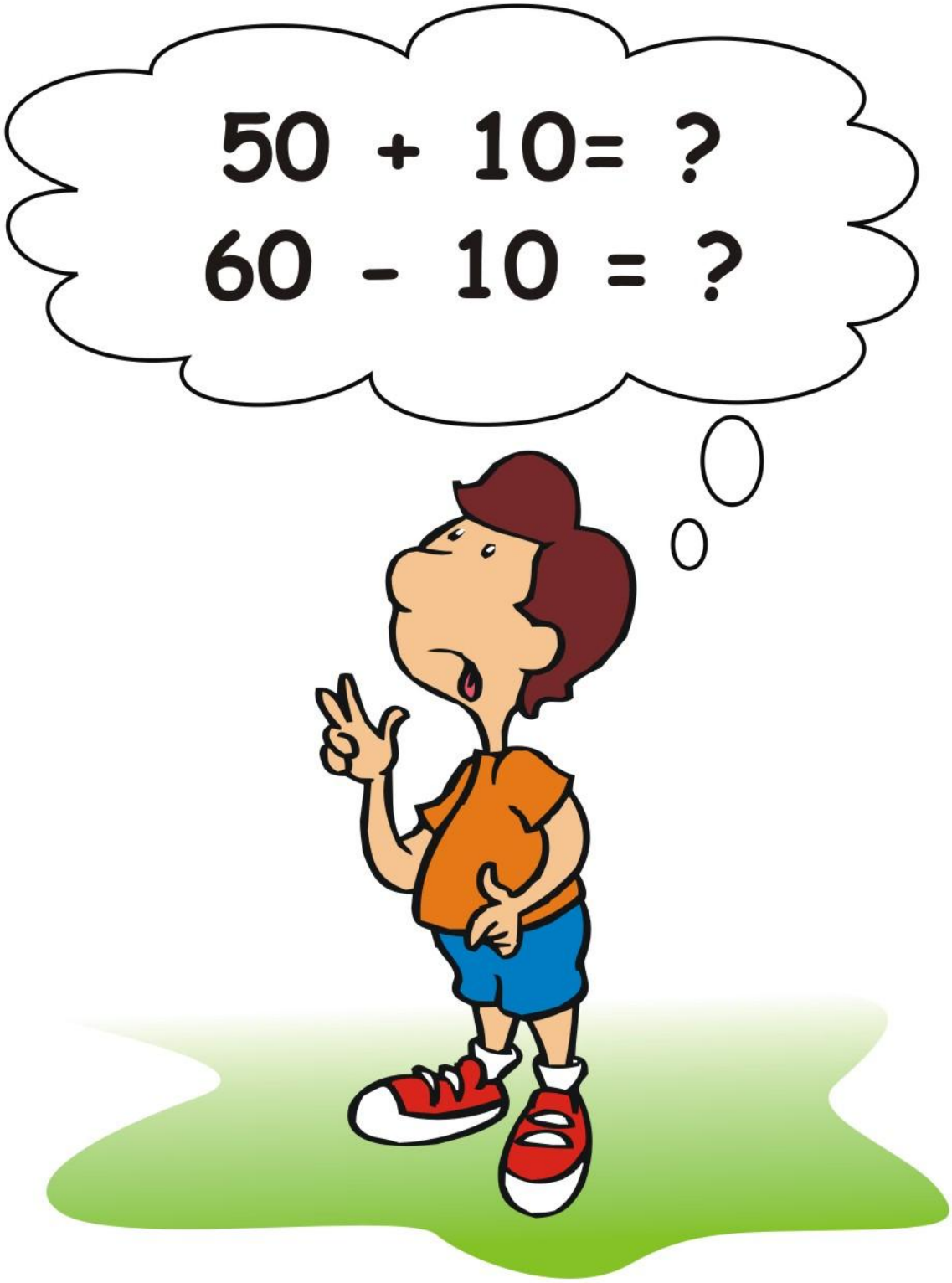
Durante a reunião dos discípulos, houve um forte ruído, como se fosse uma grande tempestade, e sobre a cabeça de cada um deles tremulou uma pequena chama. Este era o sinal de que o Espírito Santo estava com eles, e de que através deste dom recebido poderiam se comunicar com as pessoas em qualquer língua. Assim, saíram pelo mundo pregando os ensinamentos de Jesus. Os católicos consideram essa data como o começo do Cristianismo, o surgimento da Igreja Católica.

Em 1208, em Liège, hoje Bélgica, uma monja chamada Joana de Mont Cornillon contou que teve uma visão de uma festa para comemorar a Eucaristia; logo depois, a celebração se estendeu pela cidade toda. O papa Urbano IV estabeleceu a comemoração para toda a Igreja Católica em 1264.

Assim começa a Festa do Corpo de Cristo, conhecida como Corpus Christi, que comemora a Eucaristia.

Essa festa não tem uma data fixa; ela acontece dez dias depois da festa de Pentecostes.

Vamos fazer as contas: o Pentecostes é depois de cinqüenta dias da Páscoa, e dez dias depois é o Corpus Christi.

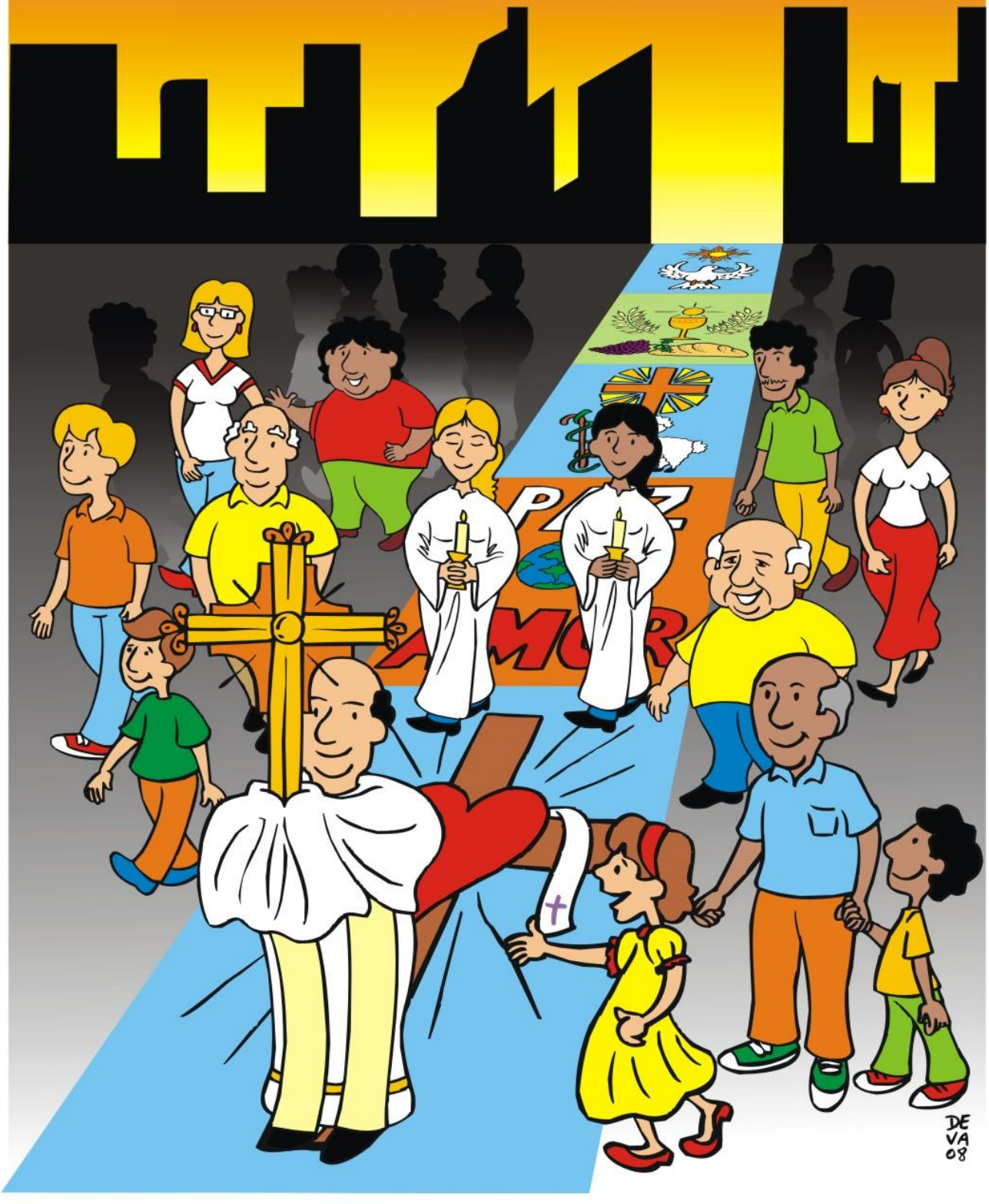


Os fiéis enfeitam as ruas de várias formas e com vários materiais. Eles fazem desenhos em forma de mosaico coberto por diversos tipos de materiais como flores, folhagens, serragem, areia, pó de café e cascas de ovos.

Hoje em dia, em alguns lugares, os fiéis enfeitam as ruas com agasalhos e cobertores que depois são doados para os necessitados.

Depois de celebrar a Eucaristia, na missa, os fiéis seguem em procissão pelas ruas que foram devidamente enfeitadas com desenhos cristãos.

A Eucaristia é a representação da presença de Jesus pelo vinho, pão e o Espírito Santo. O Espírito Santo é representado pela pomba.



FESTAS JUNINAS

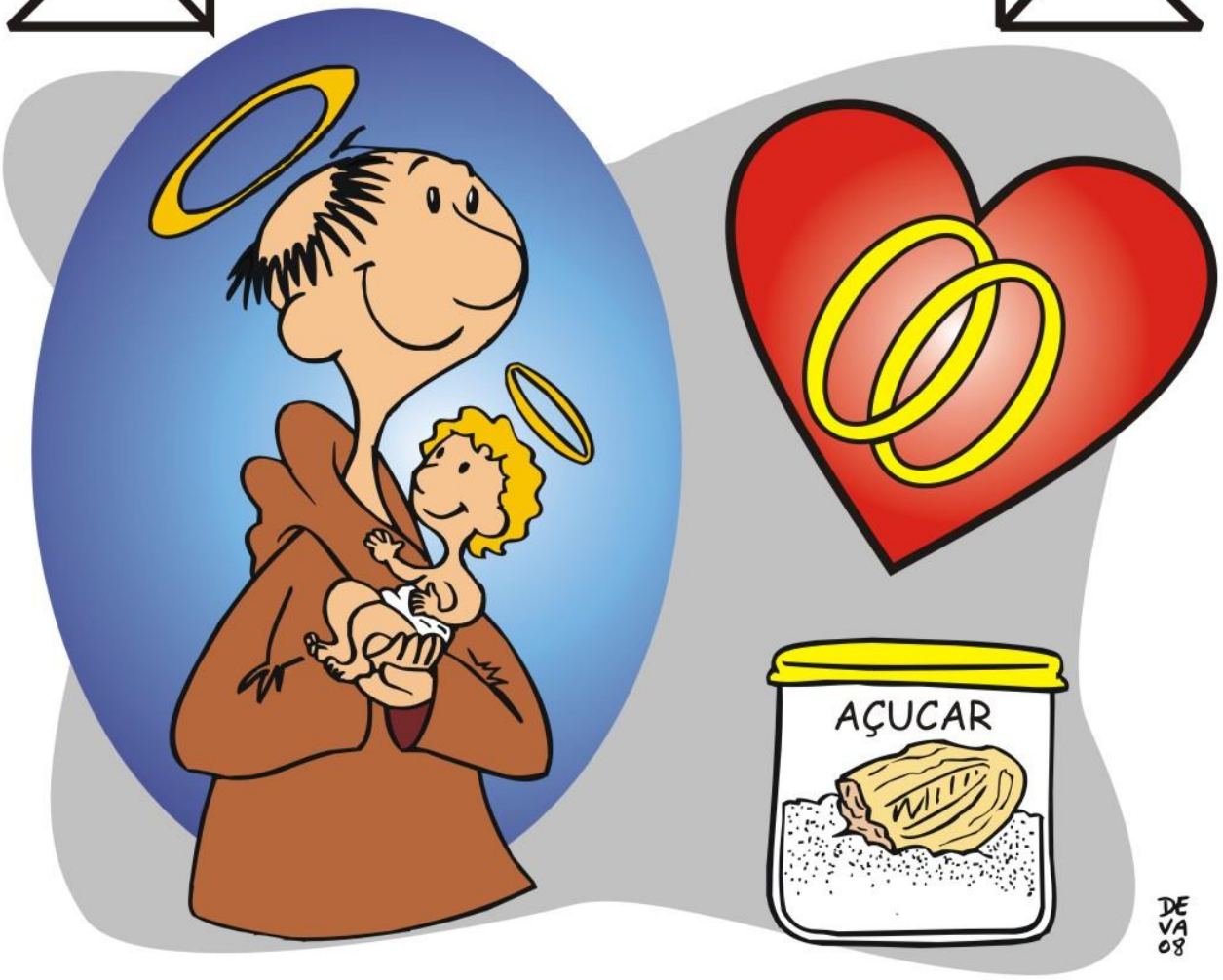
Quando chega o frio, logo vem a vontade de se esquentar com a família e com os amigos, como os povos antigos faziam em volta da fogueira em grandes festas para comemorarem a boa colheita e terem uma boa plantação o ano todo.

Além de espantar o frio, a fogueira sempre serviu para espantar o mal em vários tipos de cerimônias.

As Festas Juninas , originalmente, eram denominadas Festas Joaninas, pois se referiam à homenagem a São João Batista. Mais tarde, a Igreja Católica adaptou as celebrações dos povos antigos, passando a homenagear seus próprios santos.

Assim, hoje conhecemos como Festas Juninas, as festas que ocorrem no mês de Junho, em homenagem aos três santos mais importantes da Igreja Católica: Santo Antônio, São João e São Pedro.

13 de Junho: dia de Santo Antônio



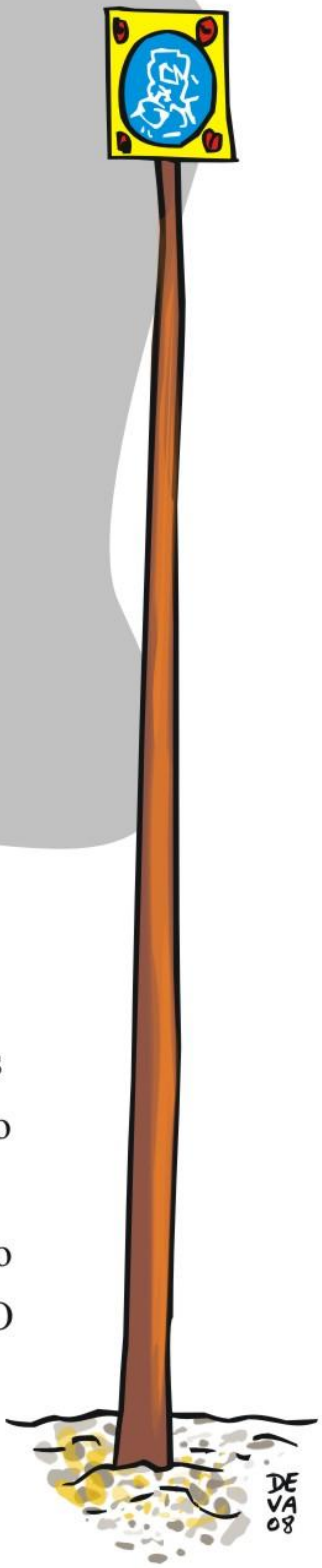
Santo Antônio também é conhecido como santo casamenteiro com muitos devotos no Brasil e em Portugal. Seus devotos fazem muitas simpatias, com rezas e rituais para conseguirem que seus desejos sejam realizados, como um bom casamento ou um bom emprego.

Para os seus devotos serem atendidos vale tudo, até mesmo pôr o santo de cabeça para baixo atrás da porta, jogá-lo no poço e recitar: “meu Santo Antônio querido, meu santo de carne e osso, se não me der um marido, não tiro o senhor do poço”, Para os lares serem abençoados e nunca faltar alimentos, os fiéis ganham da igreja o pãozinho de Santo Antônio que é guardado dentro do pote de açúcar ou perto dos mantimentos da casa.

24 de Junho: dia de São João

São João é conhecido como protetor dos casados e dos doentes. Nas Festas Juninas, a maioria dos símbolos como o mastro, os fogos de artifício e a fogueira lembram o seu nascimento.

Dizem que os fogos de artifício são para acordar São João para a sua festa. O fogo e o mastro foram uma forma que a sua mãe, Santa Isabel, usou para avisar Nossa Senhora do momento de seu nascimento.



29 de Junho: dia de São Pedro

Quando chove, as pessoas logo dizem que São Pedro mandou a chuva, pois ele é que tem a chave das portas do céu. Quando começa a trovejar as crianças já dizem:

- São Pedro está arrastando os móveis para lavar o céu!

São Pedro era um pescador quando foi chamado por Jesus, tornando-se o seu discípulo e um "pescador de almas". Ele é o protetor dos pescadores e das viúvas.

Na Europa, já existiam as Festas Juninas. Na França, por exemplo, dançava-se quadrilha nos salões nobres da corte. Era uma dança muito chique para a época. Até hoje, em algumas danças de quadrilha, ainda se usam termos franceses para marcar os passos.

ANARRIÊ: voltar aos seus lugares.

CUMPRIMENTAR VIS-À-VIS: cumprimentar com aceno de cabeça.

No Brasil, as festas ficaram mais fortes no interior do país, sendo marcadas pelos trajes simples e lembrando sempre a cultura da roça.

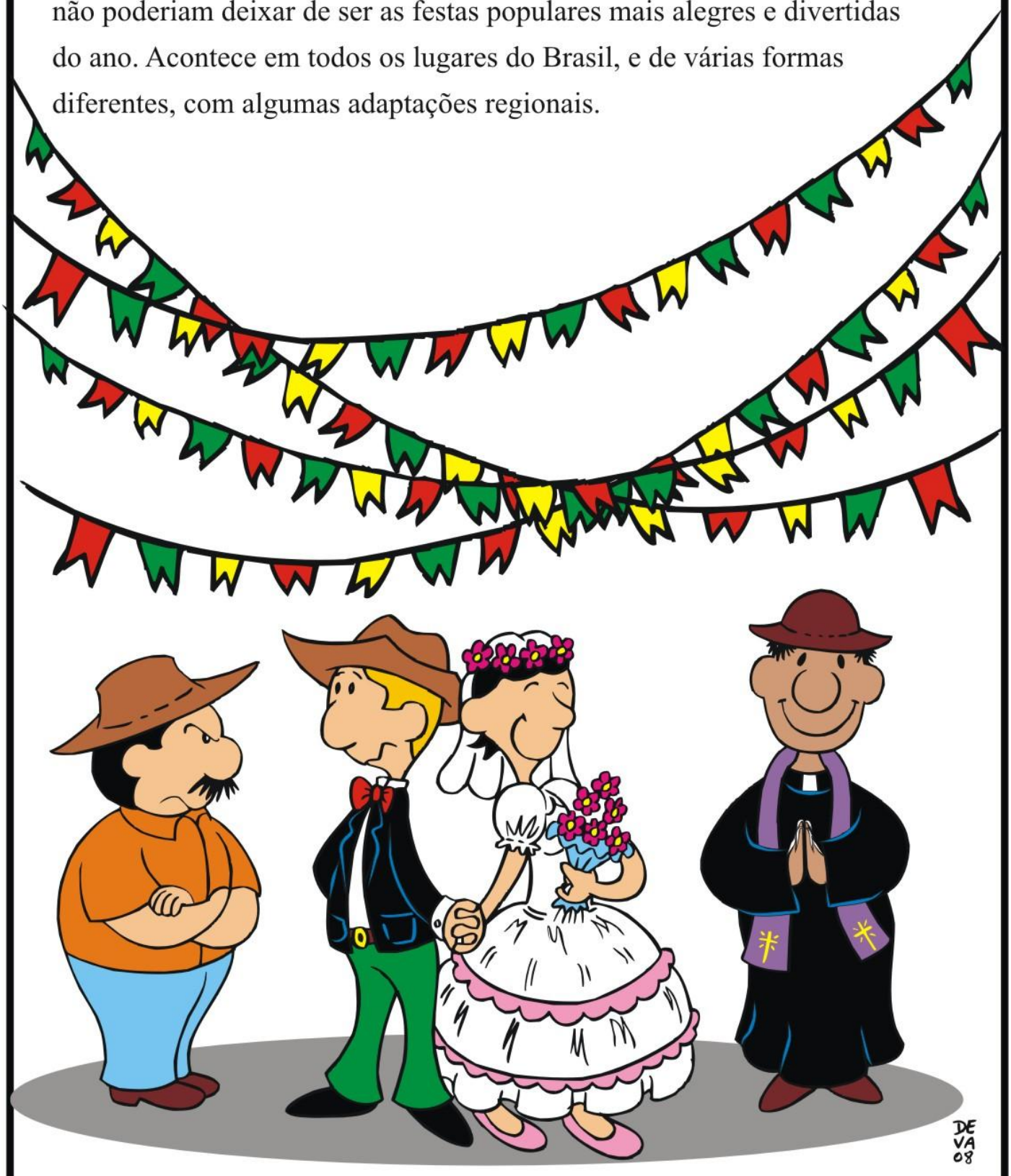
Depois de comer todos aqueles pratos deliciosos, as crianças vão brincar e ainda tentam ganhar as “prendas”, que são os prêmios dos jogos.

Os prêmios mais caros são sorteados nos bingos, para os adultos se divertirem.

Em alguns lugares, ainda se mantém a tradição de brincadeiras antigas, como o pau-de-sebo que é de origem portuguesa.

Ergue-se um tronco alto, untado com sebo e com prêmios lá na ponta: às vezes é em dinheiro ou em brinquedos. Os primeiros a tentarem subir no pau-de-sebo escorregam mais e têm mais dificuldades para subir, os que tentam depois têm mais facilidade para subir; porque a quantidade de sebo diminuiu.

Assim, com Santo Antônio arranjando o casamento, São João fazendo o batizado, São Pedro abrindo as portas, com tantas músicas, brincadeiras, danças, comes e bebes, as Festas Juninas não poderiam deixar de ser as festas populares mais alegres e divertidas do ano. Acontece em todos os lugares do Brasil, e de várias formas diferentes, com algumas adaptações regionais.



CUIDADO! NÃO PULE FOGUEIRA!
NÃO SOLTE BALÕES!
PEÇA SEMPRE AJUDA DE UM ADULTO
PARA SOLTAR BOMBINHAS ADEQUADAS
A SUA IDADE
É PROIBIDO VENDER,
COMPRAR, FABRICAR,
SOLTAR BALÕES.
PODEM CAUSAR
INCÊNDIOS!
DE
VA
08

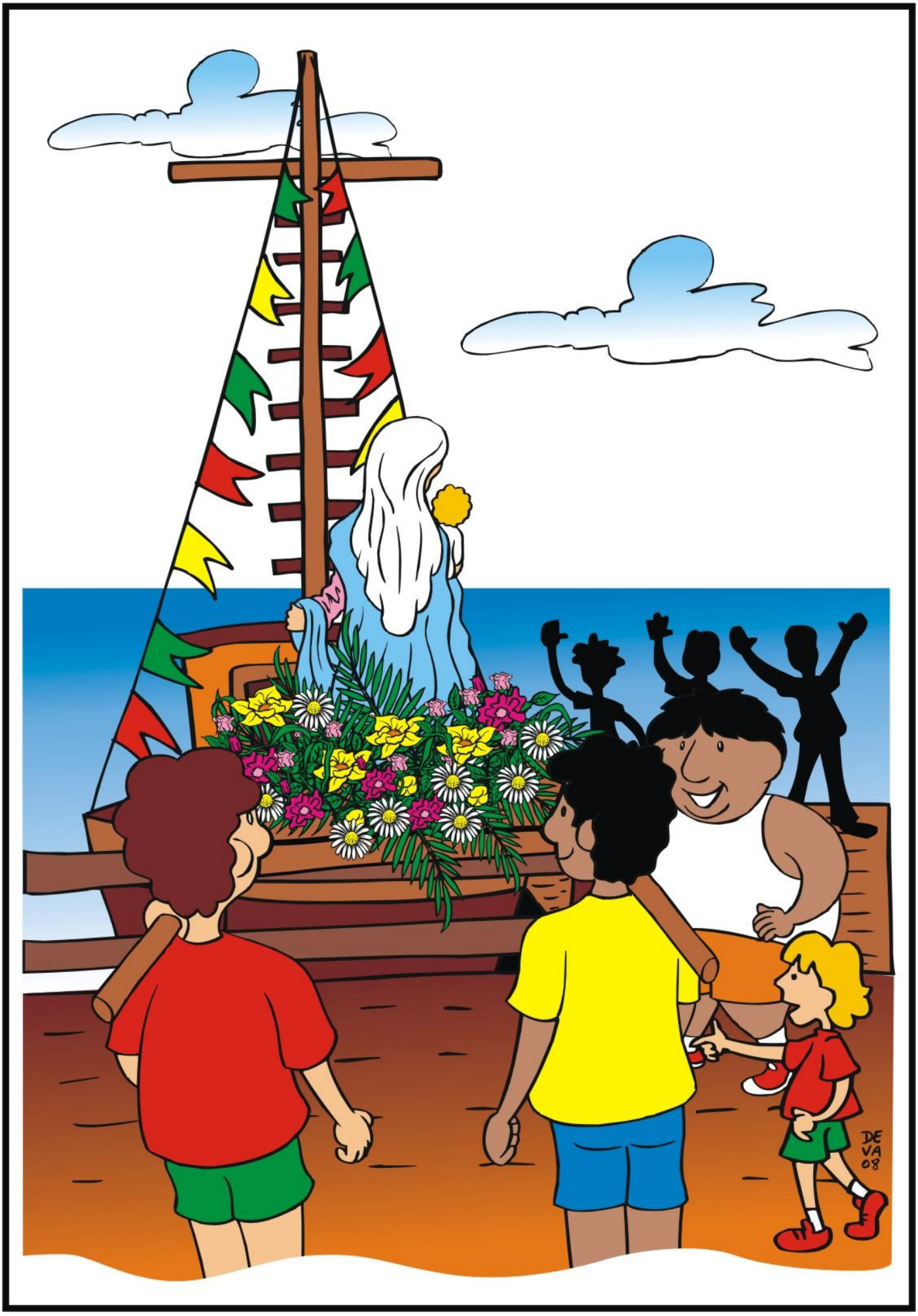
NOSSA SENHORA DOS NAVEGANTES

Na época das grandes navegações, por volta de 1500, os índios despidos receberam os portugueses que vinham com suas naus. Naquela época, era aterrorizante pensar em cruzar os mares, e para vencer esse medo, eles pediam a proteção de Nossa Senhora; para agradecer a proteção, faziam uma procissão pelo mar. Começa então a festa de Nossa Senhora dos Navegantes, que além dos mares também é festejada nas águas doces dos rios.

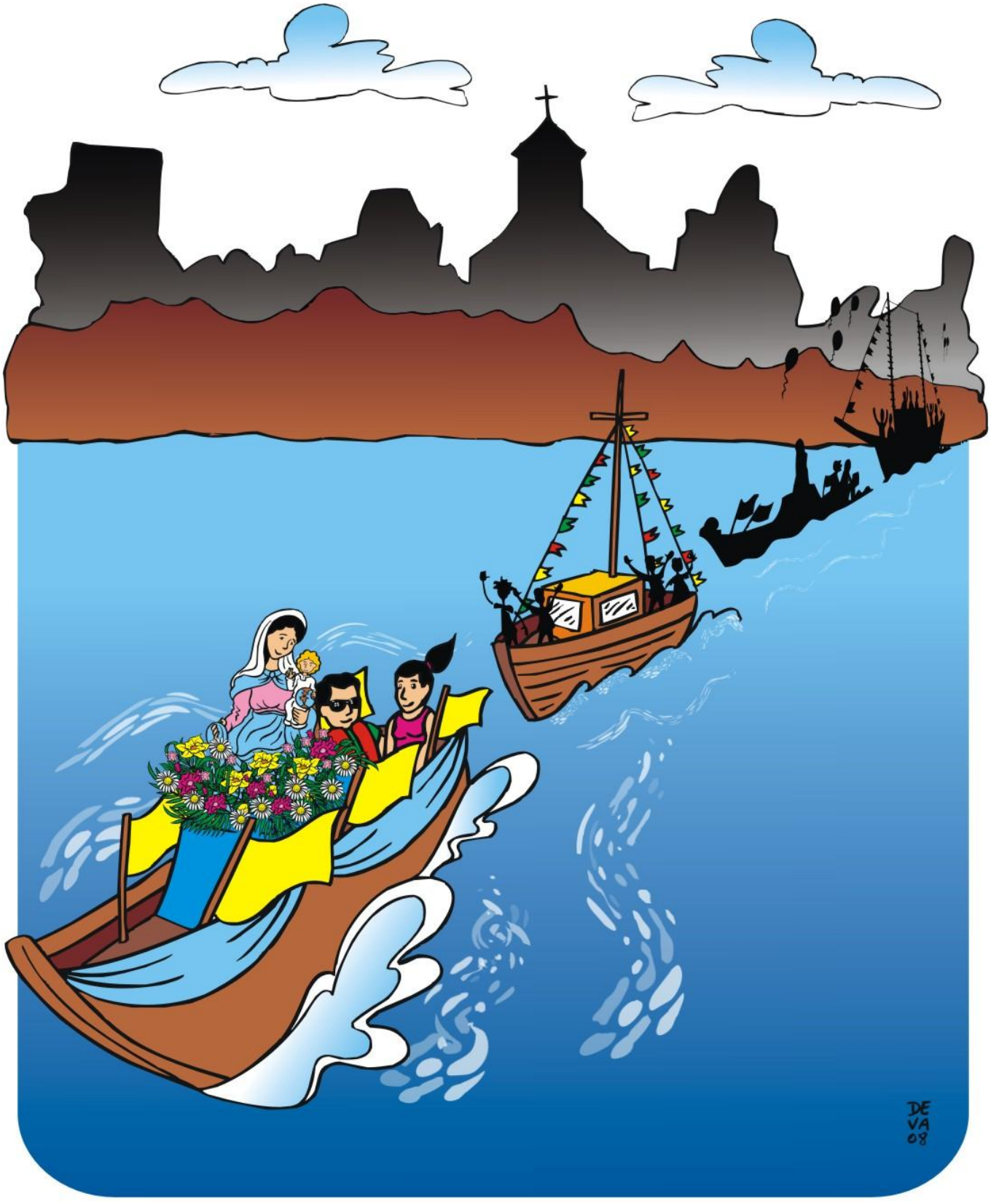
Como dizia Oswald de Andrade:
"Quando o português chegou
Debaixo de uma bruta chuva
Vestiu o índio
Que pena!
Fosse uma manhã de sol
O índio tinha despido
O português".

DE VA 08

DE
VA
08

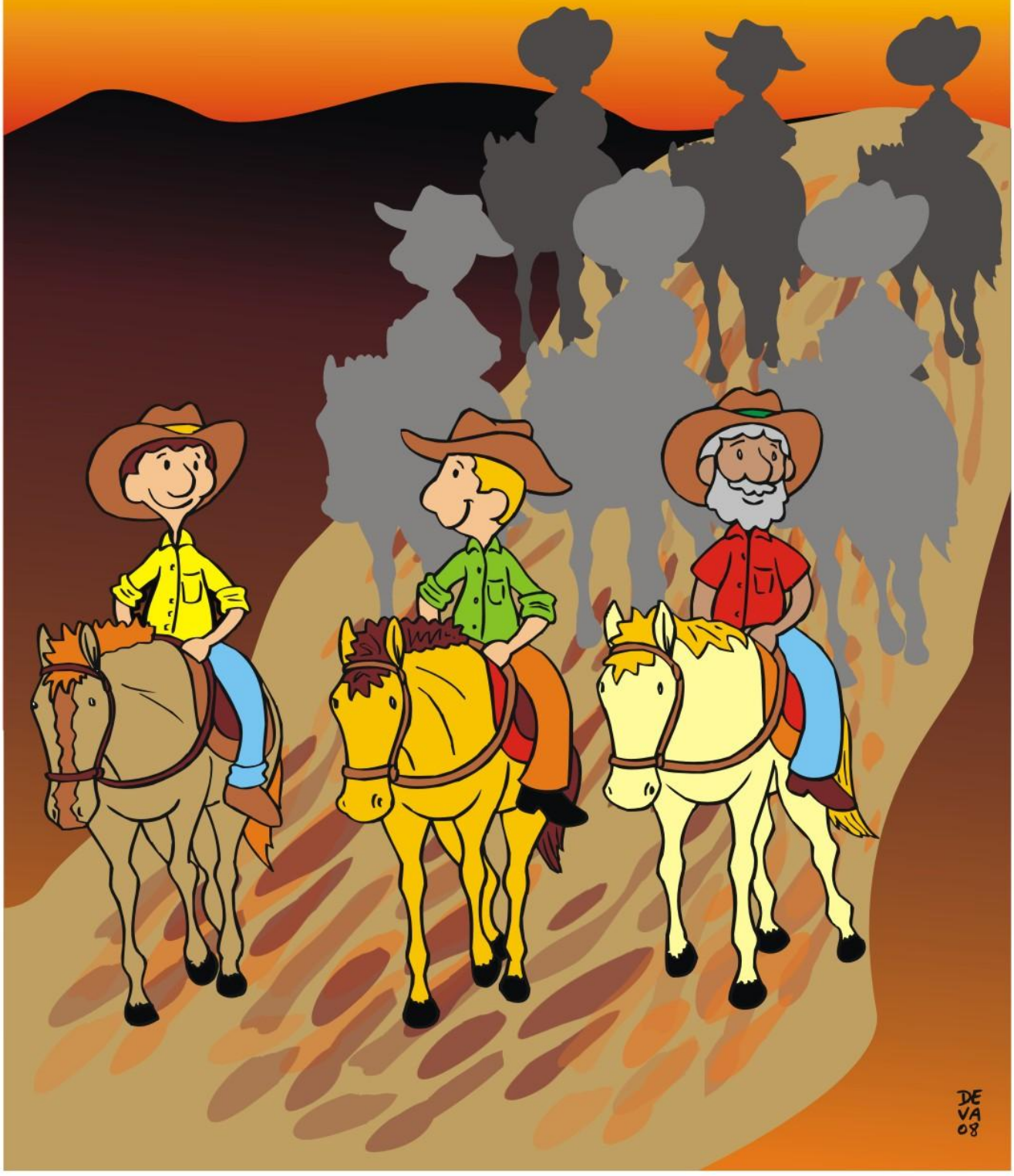

DE
VA
08

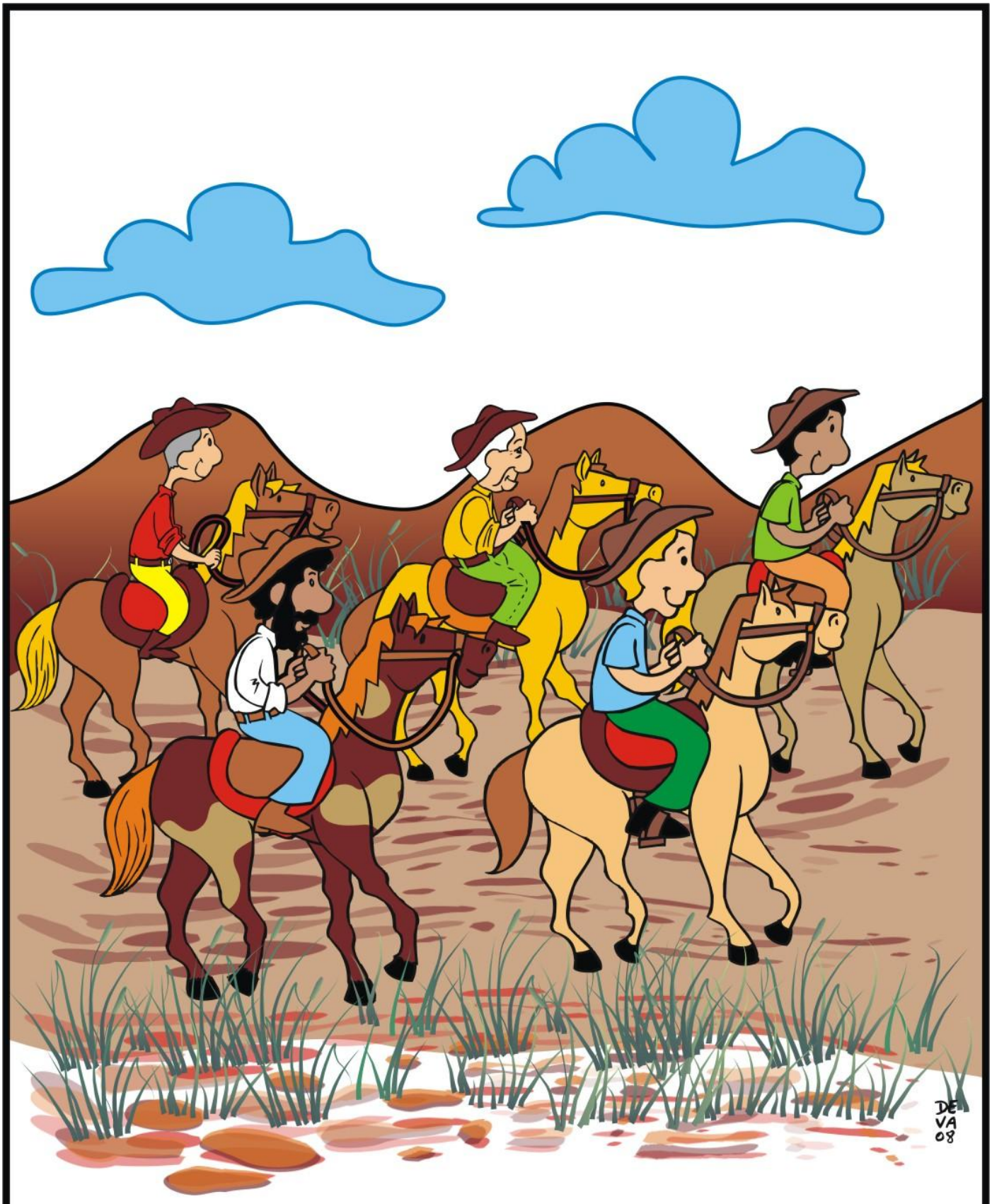
A festa começa na igreja, com orações e a benção do padre; os devotos enfeitam a santa com muitas flores e carregam-na até o barco, enquanto os outros barcos vão seguindo a santa, numa linda procissão, cortando as águas, com muita alegria e beleza.



CAVALGADA

O cavalo já foi um grande meio de transporte para vários tipos de povos desde a antigüidade. Hoje em dia, algumas pessoas usam o cavalo ainda como transporte, como nas áreas rurais.



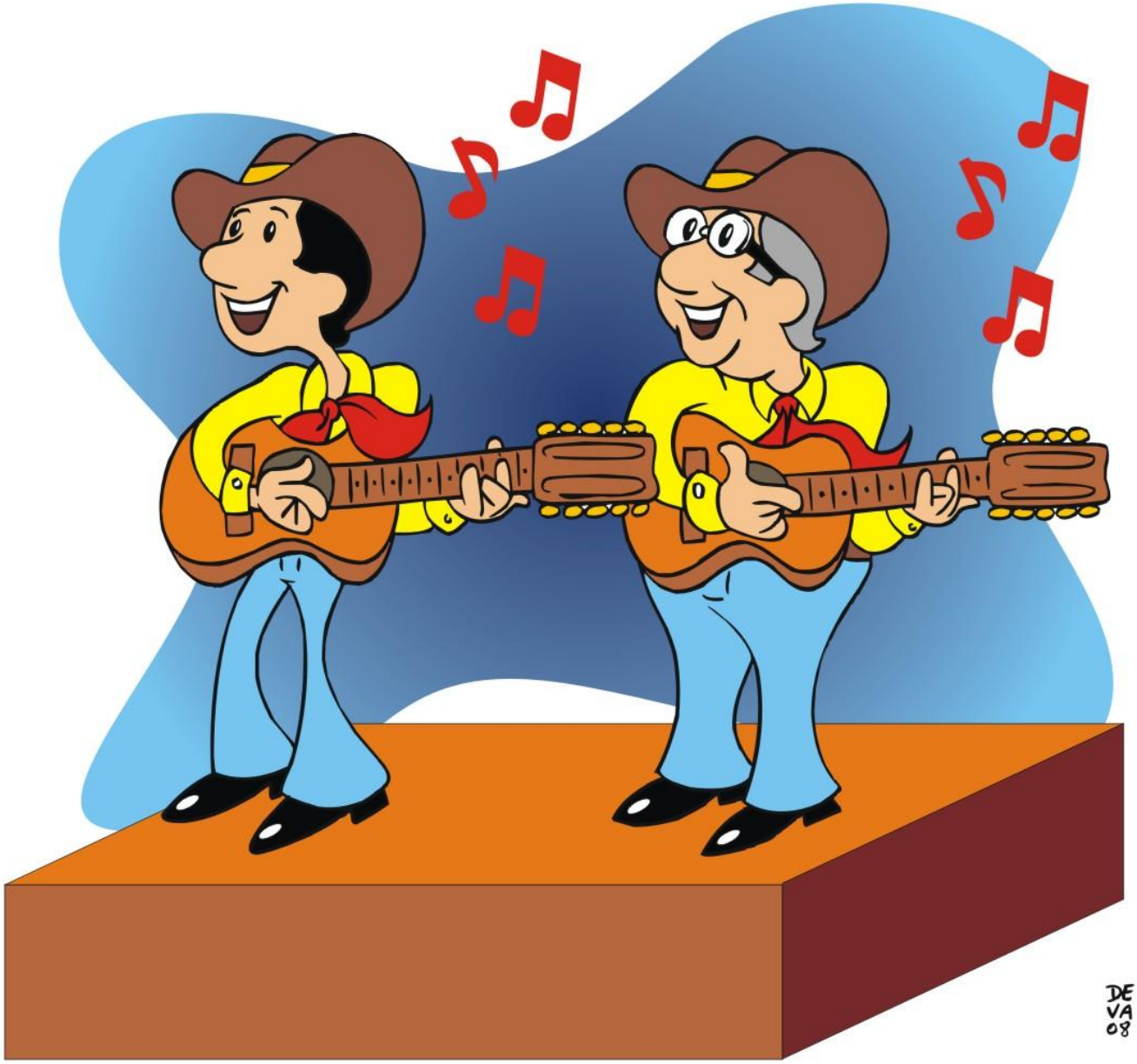


Mas onde o cavalo é muito valorizado é no esporte e nas festas tradicionais que homenageiam o padroeiro da cidade com a Cavalgada .

Os organizadores convocam toda a comunidade, parentes, amigos e familiares, para dar início à Cavalgada.

CATIRA

Quando a viola toca, todos a sua volta ficam atentos, reparando os ligeiros dedos do violeiro que, cheio de pose, exibe seu grande talento. Logo ficam esperando a moda de viola que conta as aventuras e desventuras, as alegrias e tristezas do povo sertanejo.



Melhor que uma bela moda de viola que “canta” suas histórias, é assistir à catira ou ao cateretê, como às vezes é conhecida essa dança. O dançador de catira adora “pisar nas cordas da viola”, expressão popular, que significa acompanhar o ritmo do bater dos pés com o som da viola.

Na catira, os violeiros cantam e batem os pés ao ritmo da viola conduzidos pelo mestre, que é a primeira voz, e pelo contra-mestre, que é a segunda voz. Os dançantes não cantam, apenas batem palmas e os pés seguindo o ritmo.

Entre dançantes e violeiros, na coluna em que está o “mestre”, fica o “tirador de palmas” ou o “palmeiro” e, na outra, o “tirador de sapateado”ou “orela”.

Tradicionalmente, apenas os homens participam dessa dança, mas tudo bem, as mulheres divertem-se muito assistindo à catira.

BIBLIOGRAFIA

AZEVEDO, Ricardo - ARMAZÉM DO FOLCLORE –– EDITORA ÁTICA – 2002

Enciclopédia Abril – Victor Civita - 1971.

MAYNARD, Alceu Araújo – Folclore Nacional – Volumes I, II, III – Edições Melhoramentos – 1964

Nova Enciclopédia Barsa – CD-Rom - 1999

ROCHA, Ruth - ALMANAQUE – EDITORA ÁTICA – 2004